

*Excelentíssimos Senhores Governadores de Sergipe, Albano Franco, de Alagoas, Divaldo Suruagy, da Bahia, César Borges, do Piauí, Francisco de Assis de Moraes Souza, nosso amigo Mão Santa; Senhor Presidente, em exercício, do Senado Federal, Senador Teotônio Vilela; Senhores Ministros; Senhores Parlamentares; Senhores Prefeitos; Senhores construtores desta obra, engenheiros, funcionários, trabalhadores; Senhoras, Senhores;*

Chegava-se aqui a Xingó, que eu só conhecia do alto, no caminho para Delmiro Gouveia, quando passava no helicóptero dentro desse cânion espetacular e via as águas ainda revoltas, correndo apertadamente pelas gargantas. E, ao chegar hoje aqui e ver um lago imenso, verde, uma área inundada muito pequena e, logo em seguida, essa obra ciclópica, dá orgulho de ser brasileiro.

Não é em qualquer lugar do mundo que, ainda sem recursos suficientes, um país se lança à decisão firme de transformar a natureza e a sociedade, para permitir que haja progresso e que do progresso derive bem-estar para a população.

Aqui, nestes sertões da Bahia, de Sergipe e de Alagoas, nesta tão linda cidade de Piranhas, que, vista do alto, como sempre a vi, quase parece um presépio; aqui, destes sertões, onde vejo há muito tempo a marca da vontade indomável do homem brasileiro, que já se fez sentir, desde o próprio Delmiro Gouveia até as façanhas, a seu modo, daqueles que lutavam em outras épocas para garantir subsistência para os seus pares; aqui, destes sertões hoje cobertos de cimento e aço, de enormes rotores, renasce, mais que a esperança, a certeza do grande destino que tem este país e este povo.

Sou muito grato àqueles que construíram esta obra. E, quando digo “eu”, perdoem-me: falo institucionalmente, pelo Brasil. O Brasil é muito grato a vocês todos que construíram esta obra. O Brasil agradece ao Presidente da Eletrobrás, que aqui está, ao Ministro de Minas e Energia, que aqui está, ao Presidente Sérgio Moreira, da Chesf, que aqui está, os três que nos saudaram. E agradece, sobretudo, à nossa capacidade de, a despeito de todas as dificuldades, seguirmos firmes construindo o futuro.

Isto aqui é um monumento, é um marco da decisão brasileira. E este rio do qual deriva toda essa força foi, é e continuará sendo o grande rio dos brasileiros. E, quando, ontem, na Sudene, eu propus um pacto pelo São Francisco e tive o gosto de ver que os dez governadores o assinaram, isso tem uma expressão simbólica. Nós nunca nos esqueceremos do interesse deste país, do seu povo, de sua gente; e não nos esqueceremos também da necessidade que temos de preservar a sua natureza; e não nos esqueceremos nunca de que, se hoje nós construímos tudo isso, é porque houve quem lutasse no passado. E, hoje, cabe a nós continuar na mesma luta.

A Chesf é um exemplo vivo da capacidade de realização do Governo, do Estado e do povo do Brasil. A Chesf demonstrou, nesses anos todos, sua competência. O Governo reconhece isso. E todos os passos a serem dados daqui para a frente – e muitos serão dados – estarão em consonância com os interesses do país e da Chesf.

Todo o destino do Brasil, hoje, depende da nossa capacidade de vislumbrarmos o horizonte e de, ao vê-lo, pavimentarmos um caminho para nos acercarmos mais e mais dele. Este caminho será um caminho

democrático, será um caminho construído com o apoio da Nação, e a cada momento perguntaremos onde está o interesse nacional e onde está o interesse popular. E seremos capazes de redefini-los, à luz das circunstâncias, dos desafios que o mundo nos impõe, dos desafios que os avanços tecnológicos nos impõem, dos desafios que a decisão compartilhada entre governo e sociedade e a marca contemporânea da tomada de decisão também nos impõe. Não hesitaremos um só minuto em trilhar esse caminho.

Já muitos se referiram aqui que o Brasil passa por uma fase de transformações. Pobre país se não passasse. País que não muda, país que não se reforma, é país estagnado. E o Brasil, pelo contrário, é um país onde a vibração do progresso se sente hoje a cada indicador que se publica.

Ainda ontem, o IBGE publicava que, nos primeiros três meses deste ano, nós crescemos à taxa de 10,5%, taxa recorde na história. E, se conseguimos o que nós conseguimos – a estabilização da economia –, está mostrado, também nos índices, que a inflação continua baixa e continua caindo. Vai cair mais, porque o povo pobre precisa de moeda forte para poder comer, para poder dar educação ao filho, para poder se vestir.

A estabilização não é um capricho de economista: é uma necessidade do clamor da rua; e foi graças a ela que eu me fiz Presidente da República, porque o povo sentiu que nós estávamos no caminho certo de defender os seus reais interesses.

Falar, gritar, fazer demagogia é fácil. Mas o mundo de hoje exige competência, exige conhecimento, exige saber e coragem, firmeza para seguir adiante. E o povo pobre, o povo reconhece quando há um sinal de esperança, quando há um sinal de prosperidade.

Hoje temos crescimento econômico e temos estabilização na moeda. Temos emprego para os brasileiros. Daremos mais emprego, não pararemos diante de nada. Faremos as reformas necessárias, inclusive a reforma agrária. Faremos com que haja irrigação nos campos, como, ainda ontem, na Sudene, sem prometer, mas cumprindo, distribuimos recursos para terminar obras de açudes e obras de irrigação, da mesma maneira como faremos e fizemos em obras de transmissão de energia.

Esta realização assegura o futuro do Nordeste com certa tranquilidade. Assim como nós precisamos irrigar as terras, assim como precisamos da reforma agrária, como precisamos apoiar o turismo, como precisamos acabar com a corrupção, definitivamente, e com o clientelismo – e nós o faremos –, nós precisamos, também, de marcos firmes de progresso. E o progresso, aqui, hoje, é a energia, essa energia que, dentro em breve, será acrescida de mais uma turbina. Essa energia é o que vai assegurar um horizonte mais tranqüilo para o Nordeste.

Agradeço muito as palavras do Governador de Sergipe, Albano Franco, que me pediu que eu fosse capaz de fazer a unificação nacional, de consolidar o Brasil como um todo, acabando com as distinções regionais.

É esse o grande desafio, porque, ao acabar com a distinção regional, estaremos, também, acabando com a miséria e a pobreza, que é o que marca ainda hoje as diferenças entre as regiões. Há umas mais pobres e miseráveis do que outras. E o Brasil, que é um Brasil que faz Xingó, não pode se dar ao luxo de ser complacente com a pobreza e com a miséria. Ele tem, também, que atacar – e firme – os problemas de distribuição de renda e acabar com a miséria que existe hoje consolidada em certos bolsões de pobreza, sobretudo e infelizmente no Nordeste.

Possa eu, Governador, possa eu, Governadores, possamos nós, os ministros, os governadores, os parlamentares, juntos, e junto com a sociedade, rumarmos firmes para o caminho do progresso e de uma melhoria concreta de vida do nosso povo.

Isso não se fará sem dureza, isso não se fará sem sacrifícios, isso não se fará sem firmeza, isso não se fará sem contrariar interesses, privados ou corporativos. Mas o Presidente da República tem o dever de ter o olhar posto, não é para um grupo, por mais respeitável que seja, não é para um interesse, por mais legítimo que seja: é para o conjunto da população brasileira. E tem a obrigação de divisar mais longe e saber o que está acontecendo no mundo e preparar o Brasil para o grande destino que o espera.

Agradeço a vocês todos aqui presentes, sobretudo aos que trabalharam duramente na construção desta obra, por terem compreendido, com a força de suas mãos, com a inteligência das suas cabeças, que era o

momento de dar mais sacrifício e mais trabalho. E, hoje, quando coloquei o capacete da Chesf na minha cabeça, eu o coloquei com emoção, porque senti que estou colocando o capacete de uma empresa que tem trabalhadores dignos, que tem hoje uma direção competente e honrada e em que, se desvios houve, foi coisa do passado. E, no futuro, nós só teremos, unidos, grandeza na Chesf, em Xingó, no Nordeste e no Brasil.

Muito obrigado.